

EDUCAÇÃO INFANTIL E TECNOLOGIAS DIGITAIS REFLEXÕES EM TEMPOS DE PANDEMIA

Data de aceite: 01/07/2024

Ana Paula de Aguiar Maia Afonso

Universidade de São Paulo

RESUMO: Este trabalho de pesquisa, foi realizado como requisito para conclusão do MBA em Gestão Escolar da Universidade de São Paulo. Originou-se na pandemia e procurou investigar aspectos sobre o enfrentamento do desafio no uso das tecnologias digitais na educação infantil no início do isolamento social, necessário devido à pandemia pela COVID-19. Este isolamento trouxe às instituições educacionais a necessidade de reorganização de suas práticas habituais, a fim de alcançar, de alguma forma, as crianças. O foco deste estudo trouxe à luz elementos que nos ajudaram a entender um pouco desta questão, analisando duas Escolas Municipais de Educação Infantil da Cidade de São Paulo [EMEI] e observando se as condições pré-existentes, bem como as que foram adquiridas durante a pandemia foram suficientes para a realização de um trabalho com as crianças no uso das tecnologias digitais. O procedimento metodológico adotado nesta pesquisa foi o estudo de caso, através de questionários

enviados aos professores e coordenadoras pedagógicas. O questionário abordou aspectos estruturais e de formação técnico-pedagógica, bem como aspectos da construção do trabalho coletivo e acolhimento das crianças e suas famílias. Pudemos perceber através da pesquisa que este desafio foi enfrentado, no entanto, muitas dificuldades de ordem técnica (redes, conexão, acesso a equipamentos), prática (elaboração das propostas) e teórica (como efetivar propostas condizentes à essência e pertinência do trabalho na educação infantil), obstaram o percurso do trabalho. Observamos que o trabalho coletivo como um movimento interno das duas unidades educativas foi a espinha dorsal para a concretização das propostas.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Infantil. TDIC. Covid-19.

INTRODUÇÃO

Em 2020 o mundo foi impactado pela notícia de uma pandemia global, sem precedentes nesta geração. Com as rotinas abaladas e de certa forma desnorteadas, as atividades cotidianas necessitaram de um novo rumo. Nesse sentido, podemos

afirmar que as atividades escolares que transcorriam normalmente até então, foram afetadas em todos os sentidos e tornou-se imprescindível pensar como desenvolver um trabalho com as crianças que estariam em suas casas num isolamento social repentino. As dificuldades em compreender este momento que tirou crianças e educadores abruptamente da convivência social, aliadas às necessidades estruturais e de formação teórico-prática no uso das tecnologias digitais, indicou um grande desafio e o estabelecimento de um momento com novas experiências para os educadores.

Cabe considerar também que, no enfrentamento aos desafios do uso das tecnologias digitais, nem todas as unidades escolares possuem estruturas similares. As escolas públicas municipais de educação infantil do município de São Paulo, por exemplo, têm uma boa infraestrutura, possuem verbas para aquisição de equipamentos e manutenção de equipamentos, bem como um processo de formação coletivo permanente dos educadores.

Ainda que esses pressupostos tenham sido cruciais em um momento como esse, algumas questões sobrevivem, quais sejam: estas condições existentes foram suficientes para enfrentar o enorme desafio que se instalou diante dos educadores? Como os educadores receberam esse desafio? Foi possível construir um trabalho nesse cenário? Quais as alternativas encontradas? Como as famílias receberam tais propostas?

Conforme Paiva (2020), a sociedade está em constante transformação e aprendemos com as experiências ao longo do tempo para a nossa sobrevivência e na construção de conhecimentos. Nesse sentido, todo desafio instalado, nos traz possibilidades de mobilização, inúmeras reflexões e novas aprendizagens.

Essas questões e ainda outras permearam o percurso desta pesquisa e agora, cursando o mestrado, outras questões sobrevivem. Neste momento, cursando o mestrado na Universidade de São Paulo, sigo estabelecendo conexões. O conceito de *habitus* e campo, Dconstruídos por Pierre Bourdieu, para pensar sobre a cultura escolar e a identidade dos professores de educação infantil e os conceitos de apropriação e representação, construídos por Roger Chartier, para pensar nas práticas e narrativas dos docentes relacionadas às tecnologias digitais, estão em diálogo com a nova trajetória.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A educação infantil tem seu trabalho pautado na convivência social e sua concepção curricular é baseada na organização de tempos e espaços para as experiências relacionais. Segundo Horn (2004), os conhecimentos, na educação infantil, são construídos nas ações compartilhadas com outras crianças, com adultos, bem como na interação com os diferentes espaços e materiais. Dessa forma, tornam-se importantes as inter-relações que se estabelecem no âmbito da unidade educacional onde tempos e espaços são organizados para as aprendizagens. Partindo dessas considerações, podemos depreender que o isolamento social feriu um princípio basal da concepção de educação infantil e que o trabalho com as crianças à distância tornou-se um grande desafio.

Tendo em vista os eixos estruturantes das práticas pedagógicas na Educação Infantil, que são as interações e a brincadeira, a Base Nacional Comum Curricular [BNCC]¹, assegura as condições para que as crianças aprendam em diferentes situações, de forma ativa em ambientes educativos podendo, assim, construir significados sobre si, os outros e o mundo social e natural. Considerando tais diretrizes, como os princípios do trabalho na Educação Infantil poderiam ser contemplados, tendo em vista o distanciamento social imposto neste momento.

Sabemos que as condições de acesso às tecnologias digitais no período da pandemia foram muito desiguais, fazendo emergir situações pouco favoráveis ao trabalho de forma remota. Conforme pesquisa realizada pelo IPEA, intitulada “Acesso Domiciliar à Internet e Ensino Remoto Durante a Pandemia”², cerca de 6 milhões de alunos brasileiros não tiveram acesso aos recursos tecnológicos na pandemia. Desse montante, 5,8 milhões são de instituições públicas.

Conforme Paiva (2020), no Brasil foram adotadas diferentes formas para alcance dos alunos e ela destaca que algumas iniciativas apresentaram certa transferência, para as famílias, a responsabilidade de trabalhar o conteúdo com seus filhos e que apesar das secretarias de educação terem providenciado plataformas, material na internet, aulas gravadas entre outras iniciativas, inúmeros estudantes ficaram totalmente isolados e desvinculados das escolas em todo o Brasil.

Há duas décadas, Lévy (1999), já apontava as novas tecnologias como instrumentos indispensáveis e entendidas pelo autor como pontos-chaves da transformação, colocando-se como elementos de inovação e criando, novos conceitos de interação digital. Dessa forma, o virtual não pode substituir o real, no entanto, multiplica as oportunidades de atualizá-lo.

Um dos aspectos que este trabalho procurou investigar foi a participação da família nesse período de isolamento. A família é muito importante na formação humana. Como primeira mediadora entre o ser humano e a cultura, é nela que as crianças terão suas primeiras experiências sociais. Segundo Gokhale (1980), a família é o berço da cultura e a base da sociedade futura, mas também é o centro da vida social para a criança.

Outro aspecto desta investigação foi a organização interna das unidades para a busca do enfrentamento desse desafio. Para Hargreaves (1998), na visão da cultura colaborativa, os professores apoiam-se mutuamente visando objetivos compartilhados coletivamente e criando responsabilidade e compromisso diante de uma circunstância. Dessa forma, as culturas de colaboração promovem a força e a confiança coletiva para atuarem consciente e assertivamente.

1 A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento normativo para as redes de ensino brasileiras e suas instituições públicas e privadas e é referência obrigatória para a elaboração dos currículos escolares e propostas pedagógicas para todas as etapas do ensino

2 Dados obtidos em: <http://www.ipea.gov.br/ouvidoria> - Nota Técnica nº 88 – DISOC - pág. 9

Aprofundando o olhar para a cultura escolar e estabelecendo relações com o pensamento de Bourdieu (2003), o conceito de campo como um espaço cheio de energia social acumulada que tem estrutura e funcionamento próprio e autônomo e que tem uma lógica própria de princípios que regulam as ações torna-se um objeto de estudo significativo, diante do qual meus olhos se voltam na continuidade dos estudos, a fim de investigar quais são as práticas e representações das professoras numa EMEI do município de São Paulo em relação às tecnologias digitais após a pandemia.

Para Bourdieu (2003) essa lógica própria de agir e pensar se desenvolve subjetivamente e de forma coletiva ou individual, surgindo, então, o *habitus*, que vai se estabelecendo através dos estilos de vida, maneiras e gostos incorporados num determinado contexto social. Neste sentido, os dados coletados nesta pesquisa nos tocam e nos fazem querer mergulhar mais profundamente nas narrativas dos respondentes que ao perceberem o mundo, constroem suas representações e orientações para suas práticas.

A cultura escolar está permeada por tensões e conflitos grupais e nesse campo social encontramos os “discursos”, os quais Chartier (2002) aponta como construções da realidade em que os sujeitos fundamentam suas visões de mundo a partir de seus interesses individuais ou coletivos. As práticas culturais vêm das apropriações que segundo o autor, são criadoras de usos ou representações que são modeladas por meio de arranjos, resistências e manifestam as singularidades dessas apropriações (CHARTIER, 2002).

Essa é a trajetória que seguiremos nos estudos do mestrado, analisando as narrativas que, como afirma Benjamim (1995), se apresentam como a forma artesanal de comunicar as experiências vividas, imaginando o narrador como alguém que vem de longe e tem muito a compartilhar.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa foi desenvolvida em duas unidades de Educação Infantil no município de São Paulo, nos bairros de Vila Jaguara e Perus. O procedimento metodológico adotado para esta pesquisa foi o estudo de caso e a definição de como seria conduzido deuse a partir da importância de investigar o problema junto às equipes de professores e coordenadoras pedagógicas das duas unidades educacionais.

O estudo de caso se adequou bem nesse contexto pois, no enquadramento da pesquisa qualitativa em educação, esse procedimento é uma estratégia de investigação que nos proporciona mergulhar na realidade, revelando-a através de fatos vivenciados pelos participantes. Segundo André (1984), o estudo de caso é uma forma particular de investigação e pretende revelar descobertas singulares que podem emergir como importantes durante o estudo, aspectos não previstos, dimensões não estabelecidas a priori. O presente estudo tem característica exploratória e descritiva, aprofundando o olhar sobre o cenário desafiador imposto à equipe escolar, explicitando o problema, construindo hipóteses e identificando facilitadores e dificultadores neste processo.

No que diz respeito à coleta e análise de dados, serão apresentadas experiências vivenciadas no uso das tecnologias digitais, no período de intensificação do isolamento social decorrente da pandemia pela COVID-19. Os participantes da pesquisa foram professores e coordenadoras pedagógicas das duas unidades mencionadas acima.

Dessa forma, optou-se pelo uso de questionário não estruturado para efetivar a coleta de dados, elaborado no *Google Forms* e o conjunto de questões procurou captar informações básicas sobre o perfil dos participantes e sua vivência prévia nas tecnologias digitais. Abordou também tópicos como a infraestrutura (recursos materiais e físicos) destas duas unidades, facilitadores e dificultadores neste processo de construção individual e coletiva na pandemia, bem como aspectos sobre os subsídios teórico-práticos para a construção e efetivação do trabalho com as tecnologias digitais nesse período. A pesquisa também procurou investigar como se deu a participação das famílias e das crianças, de que formas o trabalho foi organizado nesse período e quais aprendizagens foram construídas.

As questões foram efetuadas com duas características: questões para conhecimento do perfil dos envolvidos e questões abertas que trataram efetivamente das experiências dos professores no trabalho com as tecnologias digitais.

O questionário elaborado para coletar os dados, foi respondido por vinte participantes, sendo dezessete professoras, um professor e duas coordenadoras pedagógicas. Na Escola A, localizada no bairro de Vila Jaguara, nove professoras e uma coordenadora pedagógica responderam o questionário, na Escola B, localizada no bairro de Perus, oito professoras, um professor e uma coordenadora pedagógica, assim o fizeram.

Dentre os vinte respondentes destacam-se as seguintes características: a faixa etária varia entre 36 e 59 anos, sendo que a maioria está entre 43 e 50 anos; o tempo no cargo mais curto é de 8 meses e mais longo 32 anos, sendo que a maioria tem mais de 10 anos no cargo que ocupa atualmente. A coordenadora pedagógica da escola A está no cargo há 12 anos e 4 nesta unidade escolar e da escola B está no cargo há 10 anos e 9 anos nesta escola.

Usou-se uma abordagem ampla nas análises e considerações, porém, utilizando quadros com as narrativas dispostas integralmente, quando houve a percepção de que seria importante considerá-las na totalidade. As falas integralmente dispostas, trouxeram observações relevantes à interpretação qualitativa, aprofundando o olhar para o cenário.

Minha proposta é que, durante a apresentação, as falas sejam exibidas em quadros para contextualização da análise.

DISCUSSÃO E RESULTADOS OBTIDOS

“Foi um grande impacto ter que trabalhar com as crianças e suas famílias de maneira digital...” – O Desafio Inicial

A Organização Mundial da Saúde [OMS] declarou, em Genebra, na Suíça estado de pandemia em 11/03/2020³, devido à Covid-19, doença causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2). Um cenário de preocupação instalou-se globalmente e no Brasil, questões de ordem sanitária começaram a ser tratadas de forma mais enfática, ainda sem saber o que exatamente estaria por vir.

As medidas de isolamento foram promulgadas como forma de contenção da velocidade de propagação do vírus e atingiram todos os setores da sociedade, inclusive as escolas. Segundo uma pesquisa realizada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira [INEP], apresentada em julho de 2021⁴, 99,3% das escolas brasileiras suspenderam as atividades presenciais durante a pandemia da Covid-19.

Os participantes desta pesquisa trabalham em duas unidades educativas da rede municipal de educação infantil da cidade de São Paulo, cujas ações devem estar alinhadas às propostas da SME. Desta forma, como diretrizes neste momento, foram publicados no declarando a situação de emergência e definindo medidas para o enfrentamento da pandemia; o Decreto nº 59.335, de 06 abr. 2020, suspendendo o atendimento presencial ao público e a Instrução Normativa Nº 15, de 08 abr. de 2020, suspendendo o atendimento presencial nas Escolas da Rede Municipal de Ensino.

A SME também enviou uma Carta aos Educadores⁵ cujo teor era apontar a importância de atendimento das necessidades educacionais dos bebês, crianças, jovens e adultos, no período de isolamento, minimizando o impacto educacional neste período, bem como elencar estratégias educacionais para que os alunos continuassem tendo oportunidades de aprendizagem através de material impresso que chegaria na casa das crianças, da disponibilização de plataformas digitais como ambiente virtual de atividades para os estudantes, o “Google Sala de Aula” e ainda, para alguns segmentos, as aulas pela TV.

A presente pesquisa, com a participação de profissionais dessas duas unidades citadas revela que o cenário que se apresentava era de insegurança, medo e grandes dificuldades para compreender o que estava acontecendo. As equipes mostram em suas narrativas um misto de incerteza e dificuldades, resistência, pânico e apreensão. Diante disso, a necessidade de reorganização do trabalho de forma remota se mostrou como única maneira de dar continuidade ao trabalho estabelecendo comunicação com as crianças e suas famílias.

3 Informação obtida através do site <https://www.unasus.gov.br/noticia/organizacao-mundial-de-saude-declara-pandemia-de-coronavirus-do-Ministerio-da-Saude>, publicada em 11 de mar de 2020, às 14:37 – UNA-SUS.

4 Informação obtida no site <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2021-07/pesquisa-mostra-que-99-3-das-escolas-suspenderam-aulas-presenciais> publicada em 12 de jul de 2021, às 11:57

5 Carta da Secretaria Municipal de Educação endereçada aos educadores da Rede Municipal da Cidade de São Paulo https://www.sinesp.org.br/images/2020/Carta_aos_educadores_abril20

Embora o desafio do uso das tecnologias estivesse posto para esses grupos de professores, o mais difícil seria levar, através das telas, as propostas que contribuiriam de fato com o desenvolvimento das crianças. Nesse sentido, percebe-se a dificuldade do trabalho remoto e distante, já que a educação infantil possui um currículo permeado pelas relações que se estabelecem nesse segmento da educação: criança-criança, criança-adulto, criança-espacos e as vivências e experiências das crianças com seus pares são importantíssimas nesse processo de construção de conhecimentos. Ou seja, as dificuldades do uso das tecnologias encontradas pelos educadores estavam associadas também, às dificuldades em se trabalhar, através de contornos digitais e de forma remota o currículo premente da educação Infantil.

No percurso desta pesquisa, os dados das respostas retratam muitas dificuldades relacionadas ao uso das tecnologias, revelando, inicialmente, pouca familiaridade dos educadores com a linguagem tecnológica, os quais usavam apenas equipamentos como celular e computador. Não obstante os professores utilizem essa linguagem em sua vida pessoal, conforme os relatos essa vivência não é tão presente no cotidiano da escola, referindo-se ao pouco uso e apenas para registros do trabalho pedagógico. As narrativas nos mostram que apesar das tecnologias tão presentes no mundo que nos cerca e em diferentes ambientes, nas escolas de educação infantil elas estão chegando aos poucos e isso dificulta as experiências de educadores e crianças no ambiente escolar.

Nos relatos advindos da pesquisa percebeu-se que mesmo com algumas vivências e familiaridade no uso das tecnologias digitais, houve necessidade de buscar mais conhecimentos e explorar novas possibilidades e embora subsidiados por SME e pela gestão da unidade escolar, os educadores sentiam que lhes faltava formação adequada para a realização do trabalho.

“TENTANDO USAR AS TECNOLOGIAS DIGITAIS PARA APROXIMAR E ABRAÇAR À DISTÂNCIA” –

O Contato com as Crianças e Famílias

Os educadores mostram que o contato com as famílias foi dificultoso por vários motivos: sofrimento por dor e medo; a falta de recursos tecnológicos (equipamentos e internet) de ambos os lados e a falta de conhecimento sobre ferramentas digitais para produzir e realizar as atividades propostas. A demanda por acolhimento, a dificuldade em se chegar às crianças pela falta dos recursos tecnológicos, e a apreensão relatada pelas famílias, foram alguns pontos levantados pelos professores e coordenação pedagógica.

As unidades pesquisadas utilizaram diferentes plataformas e ferramentas para estabelecer o contato com as famílias, tais como WhatsApp, Google Sala de Aula, Facebook, e criação de links para reunião virtual, além de ligações telefônicas. Dessa forma, propuseram diferentes atividades tais como a criação de vídeos com histórias, brincadeiras,

encontros virtuais e vivências diversas. No entanto, apesar de muitas tentativas dos grupos, no estudo, na busca de novos conhecimentos e reinvenção de formas para alcance das crianças buscando a manutenção dos vínculos afetivos, havia dificuldades por parte dos educadores e a devolutiva das famílias não correspondia à expectativa das equipes.

“A ESCOLA NÃO TINHA NENHUMA INFRAESTRUTURA PARA O TRABALHO COM AS TECNOLOGIAS DIGITAIS...” – PERCEPÇÕES SOBRE A INFRAESTRUTURA ESCOLAR (RECURSOS ANTES E DURANTE A PANDEMIA)

Um cenário de carência de equipamentos se descortina através das falas dos educadores das duas unidades pesquisadas, apontando que antes da pandemia não havia recursos tecnológicos nas escolas para o trabalho digital e precisaram usar seus próprios equipamentos, sua conexão particular de internet e buscar conhecimentos de forma rápida para que o trabalho fosse realizado.

Os educadores também apontam que durante o processo, algumas melhorias foram acontecendo como o recebimento de equipamentos para uso pessoal e, no retorno presencial, a infraestrutura das escolas obteve uma melhora significativa. A Prefeitura da cidade de São Paulo equipou as salas com recursos digitais como computadores, telão e internet mais rápida, com sinal para cada professor. No ano de 2021, cada educador recebeu, em consignação, um notebook da Prefeitura Municipal de São Paulo [PMSP] para realização e continuidade dos trabalhos. No entanto, ainda que com melhorias na infraestrutura para o trabalho digital, os resultados pontuaram problemas na operacionalização dos equipamentos, relatando também, que os recursos são insuficientes para a quantidade de crianças nas salas.

“TODOS DIVIDIAM O QUE SABIAM...” - O TRABALHO COLETIVO

O trabalho coletivo foi muito importante para o enfrentamento deste momento na história dessas duas unidades educacionais e ele aparece bastante, nas falas, como um facilitador do processo de construção das propostas. O coletivo, através das parcerias estabelecidas, a troca de experiências, os momentos de formação, escuta do grupo e o apoio das colegas e da gestão, foram aspectos elencados pelos respondentes, inicialmente para reflexão sobre como alcançar as crianças, porque não tinham conhecimento de como fazer uso das plataformas, bem como construir propostas que fossem condizentes à realidade da Educação Infantil.

Na rota dessa pesquisa, fica evidente que a disponibilidade em aprender e o desejo de compartilhar os conhecimentos adquiridos através das pesquisas individuais e os saberes já existentes tornaram-se fatores preponderantes para o enfrentamento desse momento. O fortalecimento do coletivo também trouxe benefícios para o bem-estar dos professores pois o apoio e o cuidado de um para com os outros se fez presente.

Percebe-se que as equipes das duas unidades educativas se reorganizaram para levar à cabo esta incumbência, utilizando diferentes formas. Para que isto acontecesse o trabalho coletivo foi de suma importância no enfrentamento dos desafios impostos nesse momento. Através da mobilização gerada no interior das unidades, o trabalho coletivo tornou-se o palco dos estudos a respeito do tema em questão.

“UM MOVIMENTO REFLEXIVO DE REINVENTAR PRÁTICAS SEM ABRIR MÃO DOS PRINCÍPIOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL” – OS ESTUDOS E AS APRENDIZAGENS

As respostas obtidas nos fornecem informações sobre estudos que foram realizados partindo de diferentes olhares e dentre estes estudos, destacam-se: i) busca individual de subsídios pelos próprios professores; (ii) busca coletiva a partir de um movimento interno na escola, da coordenação pedagógica e professores (iii) subsídios externos, compartilhados por SME.

Os professores buscaram, individualmente conhecimentos, de forma rápida para resolverem problemas de acesso e de aprendizagem de diferentes ferramentas digitais. A coordenação pedagógica, pautada nas suas funções primordiais de formadora de professores, ainda que com dificuldades, também derivadas principalmente do desafio no uso das tecnologias digitais, se apresenta assessorando os professores, através de reuniões online, para a construção das propostas.

Quanto aos subsídios externos, observa-se o movimento de SME, produzindo documentos e material. As equipes das unidades demonstram que receberam, leram e estudaram o material produzido por SME, tais como instruções normativas e tutoriais como “Trilhas de Aprendizagem” e ainda o uso de aplicativos disponibilizados como o Google Sala de aula. No entanto, conforme os relatos, no que tange às atribuições de SME, destacam-se algumas diferenças de narrativa dos educadores.

As respostas trazem à tona aspectos interessantes a respeito do grande esforço das escolas para buscar alternativas na efetivação das propostas e, apesar de não saberem bem como fazer, aprenderam durante o percurso e compartilharam diferentes possibilidades. O esforço pessoal, individual e coletivo ou a formação já construída anteriormente, mesmo que não proveniente da área da educação, também foi um ponto interessante nas respostas.

Fica patente a tristeza advinda da lembrança de um período complicado, conturbado e triste da profissão, um misto de insegurança, incertezas e cobranças de resultados por parte dos órgãos superiores. Mesmo diante de uma grande quantidade de informações, leituras, vídeos, produções de conteúdo para serem compartilhados com as crianças, os relatos apontam uma falta de estudo teórico que embasasse as práticas neste momento. As informações obtidas ficaram mais no campo do fazer imediato, devido à necessidade de se produzir rapidamente e se registrar o trabalho realizado, a fim de prestação de contas aos órgãos superiores.

Algo interessante é que os educadores apontam muitas aprendizagens construídas neste período, principalmente no que diz respeito aos conhecimentos relacionados às tecnologias digitais. O uso desses recursos, algo que parecia distante da realidade dos educadores tornando-os incapazes de realizações nesta área, agora torna-se concreto e começa a fazer parte da sua rotina ao dispendir esforços para alcançar as crianças, buscando os conhecimentos e fortalecendo o trabalho coletivo

Contudo, embora seja importante entender o papel das TIDCs no presente século, para além das telas, destaca-se também, nos dados desta pesquisa, a importância dada aos aspectos relacionais e interacionais que embasam o currículo na Educação Infantil. Esse aspecto aparece de forma bastante expressiva nas respostas, evidenciando que as duas unidades têm esses princípios claros e presentes em suas concepções.

CONCLUSÕES

O presente estudo evidencia as percepções da autora na construção da pesquisa quanto às dificuldades no enfrentamento do isolamento social através do uso das tecnologias digitais. Embora pontuadas dificuldades neste processo, observam-se pontos positivos ao longo da presente pesquisa que apontam para um futuro com maior inclusão das tecnologias digitais, quais sejam: o fortalecimento do trabalho coletivo, a aquisição de recursos e equipamentos para as escolas e as aprendizagens construídas, sobretudo nessa área, pelos educadores, tais como: o reconhecimento da importância das TIDCs, como recurso para o trabalho educativo, bem como o reconhecimento da importância do trabalho presencial na educação infantil, fortalecendo as concepções que embasam o currículo nessa etapa da educação básica através das vivências coletivas e lúdicas. Nesse sentido, algumas questões emergem quando avistamos, a partir desta pesquisa, a progressão da inserção da cultura digital no contexto da Educação Infantil: que caminhos as políticas públicas trilharão para dar continuidade e efetividade ao processo de formação de professores nesta área? Quais propostas, considerando as especificidades do currículo da Educação Infantil, orientarão o trabalho com as tecnologias digitais na cidade de São Paulo?

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. 2021. Pesquisa mostra que 99,3% das escolas suspenderam aulas presenciais. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2021-07/pesquisa-mostra-que-993-das-escolas-suspenderam-aulas-presenciais> 12 de jul 2021. Acesso em 15 de set 2022.

ANDRÉ, M. 1984. Estudo de caso, seu potencial na educação. Cadernos de pesquisa. V. 49. P. 51-54, 1984.

BENJAMIN, W. Obras Escolhidas – Magia e Técnica, Arte e Política. 3ª ed. Editora Brasiliense, 1985.

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. 6 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003

BRASIL. 2017. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). MEC. Brasília.

BRASIL. 2020. Ministério da Educação. MEC orienta instituições sobre ensino durante pandemia. Diário Oficial da União, Brasília.

BRASIL. 2020. Ministério da Economia. Repositório do Conhecimento do IPEA. Nota Técnica n 88. Acesso Domiciliar à Internet e Ensino Remoto Durante a Pandemia. Publicado em ago de 2020. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/ouvidoria> Acesso em 16 de set 2022.

CHARTIER, Roger. A história cultural: entre práticas e representações. 2. Ed. Lisboa. DIFEL, 2002.

Diário Oficial da Cidade de São Paulo. 2020. Instrução Normativa SME n.15, de 08 de abril de 2020. Publicado em 09 de abr de 2020, pág. 8.

GOKHALE, S.D. 1980. A família desaparecerá? Revista Debates Sociais. nº 30, ano XVI. Rio de Janeiro.

HARGREAVES, A. 1998. Os professores em tempos de mudança: o trabalho e a cultura dos professores na Idade Pós-Moderna. Portugal: McGraw-Hill.

HORN, M. da G. 2004. Sabores, cores, sons, aromas: a organização dos espaços na educação infantil. Ed. Artmed. Porto Alegre.

LÉVY, P. 1999. Cibercultura. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Editora 34, São Paulo.

PAIVA, V. L. M. de O. 2020. Ensino remoto ou ensino à distância efeitos da pandemia. Estudos Universitários: Revista de Cultura, v 37: 58-70.

São Paulo. 2019. Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. Currículo da Cidade: Educação Infantil: SME/COPED.

Sindicato dos Especialistas de Educação do Ensino Público Municipal de São Paulo. [SINESP]. 2020. Carta aos Educadores. Disponível em: https://www.sinesp.org.br/images/2020/Carta_aos_educadores_abril20 Acesso em 16 de set 2022.